

## Conversações do VIII ENAPOL

### ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

#### 13. Efeitos da ciência e das técnicas de reprodução nas famílias

**Responsável EOL:** Irene Kuperwajs

**Participantes:** Mónica Wons, Mirta Berkoff, Claudia Lázaro, Monica Gurevicz, Eugenia Serrano, Gabriel Racki, Alberto Justo, Marita Manzotti, Graciela Horowiz, Alejandra Crivelli, Silvia Mizrahi, Alejandra Koreck, Ester Alfie, Viviana Noya, Natacha Zarzoso, Lorena Parra

Nosso tema de investigação levou-nos a nos depararmos com vários campos envolvidos neste “assunto” que excede a família. Assim, o início de nosso trabalho foi uma grande “torre de Babel” em que o jurídico, a arte e a ciência se mesclavam com notícias dos meios de comunicação: “Casaram há 3 anos e ficaram grávidas ao mesmo tempo” ou “Meu noivo ficou grávido e pude cumprir meu desejo de ser mãe” ou “O novo e polêmico presente de 15 anos: a vitrificação de óvulos”. Finalmente, pudemos chegar a cernir nosso objeto.

#### 1. A relação da psicanálise com a Ciência

A psicanálise não se define como uma ciência, mas não poderia existir sem relação a ela. A era técnico-científica se caracteriza pela forclusão do sujeito do inconsciente inventado por Freud, que subverte todas as categorias do pensamento. Mas, por outro lado, a psicanálise é contemporânea à ciência. Por isso, em 1966 “Lacan tem a ousadia de reivindicar, para a experiência analítica, uma objetividade que não é indigna da experiência científica”.<sup>1</sup>

A ideia de ciência que tinha Freud estava ligada ao espírito científico, à elucidação, não alude ao que pertence à ordem da técnica, da produção, o que Lacan sublinha como “o

---

<sup>1</sup> Miller, J.-A., Lacan deja de ser discreto. LQ 728. [www.eol.org.ar](http://www.eol.org.ar)

frenesí próprio da ciência”.<sup>2</sup> Recordemos o que Lacan situa em “Psicoanálisis y Medicina”,<sup>3</sup> que “um corpo é algo que está feito para gozar de si mesmo”. Esta dimensão do gozo está completamente excluída dessa relação que chama epistêmico-somática. A ciência é incapaz de saber o que quer, o que exclue reaparece como uma festa onde o corpo brilha e pode ser escaneado, calibrado, radiografado mas, por outro lado, se perde em um exílio. A ciência se ocupa do real: encontra um saber no real e opera com ele.

Devemos esclarecer que se tratam de dois reais diferentes. Há um real para a ciência e outro para a psicanálise, o real do inconsciente, o qual somente é abordável através de uma análise e implica outro tipo de certeza, de demonstração, de transmissão. O real próprio da ciência é o real do número, enraizado na linguagem. Se acessa o real através do impossível, tanto na ciência como na psicanálise. A diferença é que o real da psicanálise é um impossível singular que não se demonstra através da necessidade, mas sim da contingência. O real da análise se reduz ao encontro contingente da *lalíngua* e corpo, pedaço de real separado do sentido e da ficção. É um real casual, contingente, pois falta a lei natural da relação entre os sexos. Isso indica de que real se trata. Mas a ciência não se interessa pelo impossível, deixa-o de lado.<sup>4</sup>

Jacques-Alain Miller diz, em “Lo real en el Siglo XXI”<sup>5</sup> que o século XX foi reestruturado pelo avanço de dois discursos que são prevalentes na modernidade: o discurso da ciência e o discurso do capitalista que conformam um *matrimônio perfeito*. Ambos se combinaram para fazer desaparecer a natureza restando o real desordenado. Lacan diz “O real é sem lei”<sup>6</sup> e com ele mostra a ruptura total entre natureza e real. Recentemente Jacques-Alain Miller afirmava em uma entrevista sobre política [2017-04-22] que a ciência aplicada à tecnologia conduz o mundo de hoje, avançando sem saber para onde, e a contingência dos descobrimentos da ciência aplicada nos conduz associada ao mercado.

Segundo Ansermet, a ciência toca na falha estrutural do simbólico para tratar o real. As práticas científicas, ao se disporem a tratar o real, produzem-no. Hoje estamos no que Lacan chamou, em seu *Seminário 17*, de “ponto limite lógico do que se enuncia como impossível”. Lacan disse em 1974:

---

<sup>2</sup> Miller, J.-A., *Un esfuerzo de poesía*. Buenos Aires: Paidós. 2016, p. 271.

<sup>3</sup> Lacan, J., *Psicoanálisis y medicina. Intervenciones y textos I*. Buenos Aires: Manantial. 1991, p. 92.

<sup>4</sup> Miller, J.-A., *Bref 39. Extracto de las siete sesiones*. Buenos Aires: Colección Diva. 1996.

<sup>5</sup> Miller, J.-A., *Lo real en el S.XXI. El orden simbólico en el siglo XXI*. Buenos Aires: Grama. 2012.

<sup>6</sup> Lacan, J., *El seminario, libro 23. El sinthome*. Buenos Aires: Paidós. 2006, p. 135.

Até os cientistas se angustiam, começam a se perguntar o que poderá ocorrer amanhã [...] para mim, estão loucos [...]. E se tudo explodisse? Esses laboratórios com toda essa merda dentro que o habitam, começando pelos cientistas? Às três profissões impossíveis de Freud agregaria uma quarta, a ciência. Com a única ressalva de que os cientistas não sabem que sua posição é impossível.<sup>7</sup>

### **A operação da ciência e da psicanálise sobre o corpo**

A origem é impensável, o laço entre sexualidade e reprodução é irrepresentável. A procriação, que está no centro da reprodução assistida, é a parte mais irrepresentável do processo de reprodução. Tudo isso é o limite do impossível. Segundo Ansermet, a referência do Édipo, a filiação, o pai, se tornam insuficientes.<sup>8</sup> “Melhor que renuncie quem não possa unir a seu horizonte a subjetividade de sua época”.<sup>9</sup>

Nossa época, nosso tempo, é o da incidência da ciência sobre o corpo. Hoje a ciência, como diz Milner, está mais perto da letra, do que é literalizável, que do formalizável, como na época de Lacan. A ciência não é mais conhecimento sobre o mundo, e sim uma operação sobre o mundo. Estamos frente a um mundo inventado e que não podemos compreender a partir de nossas representações imaginárias e simbólicas. É o que Jacques-Alain Miller introduz na apresentação do Congresso "Um real no século XXI": “A ciência, hoje em dia, é capaz de tocar o real, atuando sobre a natureza: faz com que ela obedeça, a mobiliza e utiliza seu poder”. Toca o real atuando sobre a realidade, criando uma realidade inédita. O real surge produzindo vertigens em pais, crianças e médicos. Cria mulheres-pais, homens-mãe, irmãs de seus filhos. O que se cria? Novos *gadgets*.

Objetos criados pela ciência (*latusas*). Objetos inventados, seres viventes que povoam o mundo. A ciência, através da tecnologia, força a natureza antes do nascimento e da concepção, opera sobre o real sem saber o que faz. Cria novos pontos-limites, novos impossíveis: de pensar, de dizer e de saber. Os avanços da técnica que fabrica crianças redobram os fantasmas que separam o encontro dos corpos no ato sexual da procriação. Curto-circuita os fundamentos do simbólico, intervindo sobre o real do tempo e da

---

<sup>7</sup> Lacan, J., Entrevista en la revista *Panorama. Lacaniana* N° 22. Publicación de la EOL. Abril 2017.

<sup>8</sup> Ansermet, F., Psicoanálisis y ciencia. Lo real en juego. Jornadas EBP-MG. 2013. En *Youtube*.

<sup>9</sup> Lacan, J., Función y campo de la palabra y el lenguaje. *Escritos I*. México: Siglo veintiuno. 1988, p. 309.

diferença sexual. A biotecnologia sustenta a ilusão de que possuímos e dominamos nosso corpo, que o eu é o amo do corpo.<sup>10</sup>

## **2. As Técnicas de Reprodução Assistida e a ordem jurídica**

### **A intenção das normas para regular o desenvolvimento da ciência.**

Nos últimos anos foram produzidos na Argentina significativos avanços legislativos em matéria de Técnicas de Reprodução Assistida (TRHA), que tem impactado o campo de direito da família, em especial o direito de filiação.

As trocas mais relevantes projetadas no sistema de filiação interpretam o imponderável avanço da ciência e da biotecnologia, em particular, como também o reconhecimento de outros tipos de famílias e a progressiva mudança nas noções de maternidade e paternidade.

### **De fato e de direito**

O direito é sempre uma ficção simbólica que estrutura o mundo. O sujeito de direito que se anuncia será responsável por seu consentimento. Hoje podemos ler “Vontade de procriação”, na letra da lei, como elemento indispensável para ter acesso a um tratamento de TRHA. Coloca-se neste campo o direito à criança e o direito da criança. Por exemplo, o direito da criança conhecer a identidade do doador, no caso de haver nascido por doação de gametas ou óvulos. Sabemos que não pouco, para um sujeito, ter acesso à particularidade de sua vinda ao mundo. A situação se torna mais complexa com o turismo reprodutivo, criando sujeitos cuja identidade não é reconhecida em certos estados e são cidadãos de nenhuma parte.<sup>11</sup> Em uma análise se trata de um sujeito de direito. Os neuróticos se percebem mal-feitos, essa “não há relação sexual” nos indica que isso falta. E a que tenho direito? Esta é a grande pergunta do neurótico.

Criar a vida a partir da morte, forçar demais a realidade. Onde está o limite, quem o autoriza ou proíbe? Qual é o risco das novas técnicas? Há um debate ético. Hoje estamos em uma época onde os desejos são reivindicados como direitos. Um sistema de gozo pode tornar-se um direito.

---

<sup>10</sup> Ansermet, F., Los niños de la ciencia. Madrid 2015. En *Youtube*.

<sup>11</sup> Laurent, É., Política e identificación: PMA y GPA. *Lacan Cotidiano* N° 730. [www.eol.org.ar](http://www.eol.org.ar)

Há uma lista de questões que Ansermet menciona e são hoje remetidas a um tribunal de ética.

Na doação de óvulos, a mãe se torna incerta como o pai. Quais consequências para a sociedade e para os sistemas de filiação? A conservação de óvulos congelados, para utilização posterior por parte da mulher - como uma espécie de doação a si mesma - corre o risco de converter-se em uma demanda de seus padrões.

Transexuais solicitam a reserva de gametas para a procriação diante de uma cirurgia de mudança de sexo. A crio-conservação permite, potencialmente, procriar mesmo depois que a relação acabe. Neste caso, estes embriões deveriam ser doados para adoção?

A gestação por barriga de aluguel não concerne somente à mulher que põe seu corpo em jogo, mas também à sua família e a seus filhos, se os tiver.

O que implica a doação de útero? Uma mãe pode doar à sua filha o útero que carregou ela própria. O que representa a predição, a possibilidade de escolher o sexo do bebê em função do fantasma e do narcisismo dos pais?

As técnicas procriativas abrem infinitas. Os desenvolvimentos biotecnológicos realizam uma nova coleção entre o vivente e a cultura, mas nós sabemos que a ética é a do particular.

### **À guisa de exemplo**

O direito corre sempre por trás dos fatos. A ciência nos relança ao fluxo irrefreável de novas possibilidades. Entre ambos, o sujeito sucumbe arrastado pela infinitude de suas propostas. O genético, o biológico e o voluntário se desenlaçam para nomear pai e/ou mãe. A lei positiva se caracteriza por seu aspecto ficcional. Frente a estas técnicas, serão pais e/ou mãe aqueles que consigam expressar essa vontade requerida pela ficção legal. A juíza M. Cataldi, a cargo do Juizado Nacional no Civil N° 8, dispôs a inscrição de uma criança nascida mediante TRHA como filho de uma pessoa falecida”. A vontade de procriar é o elemento central e fundante para a determinação da filiação quando a procriação ocorre a partir de TRHA, com total independência de si o material genético pertence às pessoas que, efetivamente, têm a vontade de ser pais ou mães, ou de um terceiro estranho a eles”.

É interessante o nome que encontrou a ficção jurídica para nomear o desejo de ter filhos. Podemos nos perguntar se “a vontade de procriar” converte em pais aqueles que a declaram.

A norma, antes considerada o norte que guiava as relações de família, agora é superada a cada momento. Apesar de estar registrado no novo Código Civil que “nenhuma pessoa

pode ter mais de dois vínculos filiais”, foi registrado, na Argentina, o primeiro bebê com tripla filiação: duas mães (casadas entre si) e o pai biológico,<sup>12</sup> baseado no interesse maior da criança.

Como vemos, a irrupção do Real, efeito da ciência, nos faz recorrer ao direito e à política para dar respostas, sempre contingentes.

### 3. Famílias no mal-entendido

As casualidades nos empurram para a direita e esquerda, e com elas construímos nosso destino, porque somos nós quem trançamos, como tal, o que queremos, mas é o que quiseram os outros, mais especificamente nossa família, que nos fala.<sup>13</sup>

A família é a imersão do Outro em Um, é a que dá entrada à alteridade. A família transmite a língua materna, a cultura, o desejo, a castração, o gozo e o impasse sexual. Tem a sua origem no mal-entendido, no desencontro, na decepção. “A língua que cada um fala é coisa de família e a família no inconsciente é o lugar onde se **apreende** a língua materna”.<sup>14</sup>

A neurose infantil e seus fantasmas são as tentativas de decifrar o enigma que, para o ser falante, é esse indizível do impasse sexual, um gozo impossível. Assim nascem as ficções que falam no lugar do indizível. A criança se vê enfrentando a sexualidade dos pais e o mal-entendido de seus gozos enquanto faz sua imersão na família.

Entre pai e mãe há relação sexual. Hoje se fala de parentalidades, implica uma simetria entre ambas funções, um apagamento das diferenças.

Não é assim entre homem e mulher. Não há relação complementar entre os gozos.

---

<sup>12</sup> <http://www.tribuno.info/anotaron-al-primer-bebe-una-filiacion-triple-n539349>

<sup>13</sup> Lacan, J., Joyce el síntoma. *El seminario, libro 23. El sinthome*. Buenos Aires: Paidós, p. 160.

<sup>14</sup> Miller, J.-A., Cosas de familia en el inconsciente. *Introducción a la clínica lacaniana*. ELP. 2016, p. 341.

## **O debate sobre a família**

Lacan nos adverte “Não somos daqueles que se afligem diante de uma suposta frouxidão do vínculo familiar”. Mas “Seja como for, são as formas de neurose dominante ao final do último século que as revelaram ser intimamente dependentes das condições da família”.<sup>15</sup>

A psicanálise se vê convocada aos debates que animam a sociedade civil. J-P Deffieux<sup>16</sup> se pergunta se a família é necessariamente edípica. Como detectar, entre a multiplicidade e a complexidade das formas de família hoje, o núcleo estrutural, o “resíduo indestrutível” como diz Lacan, que faz com que a família subsista apesar de cada vez mais diversificada?

## **A essência vazia do pai**

O pai é aquele que é responsável pela consumação de um desejo. “Não há direito universal do pai. A essência do pai deve manter-se vazia para que se possa considerar que foi, um por um”.<sup>17</sup>

É inútil colocarmo-nos ao lado do discurso religioso para reivindicar um “direito ao pai” na família e nas procriações. Não se pode reduzir o desejo à procriação. A questão do pai deve ser separada dela. A noção de real do pai não se confunde em nenhum caso com a de fecundidade. Lacan ilustra da melhor maneira ao que chamo o x da paternidade no *Seminário 4*.<sup>18</sup>

“Após a morte do seu marido, uma mulher, comprometida com ele por um pacto de amor eterno, tem um filho seu a cada dez meses” por inseminação artificial. “Durante a doença que levou o marido à morte, esta mulher, faz voto de fidelidade eterna, armazenando uma quantidade suficiente do líquido que poderia permitir-lhe perpetuar à vontade a raça do defunto, nos prazos mais breves e a intervalos repetidos”.<sup>19</sup> Lacan se pergunta: nestas condições, em que se converte o complexo de Édipo?

Esta história ilustra magnificamente que:

---

<sup>15</sup> Lacan, J., Los complejos familiares en la formación del individuo. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós, pp. 71-72.

<sup>16</sup> Deffieux, J.-P., ¿La familia es necesariamente edípica? Revista *Enlaces*. Psicoanálisis y cultura, Nº 19. Buenos Aires: Grama. 2013, p. 140.

<sup>17</sup> Laurent, E., Estado, sociedad, psicoanálisis. *Uno por Uno* Nº 40. Buenos Aires: Eolia-Paidós. Primavera 1994, p. 45.

<sup>18</sup> Lacan, J., *El seminario, libro 4. La relación de objeto*. Buenos Aires: Paidós. 1998.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 377.

[...] dentro de cem anos faremos as mulheres crianças que serão filhos diretos dos homens geniais vivos na atualidade e logo conservados em potes como ouro em pano. Nesta ocasião tem cortado algo ao pai, e da forma mais radical – apesar da palavra. A questão é saber como, por qual via, sob que modalidade se inscreve no psiquismo da criança a palavra do ancestral, cujo único representante e único veículo será a mãe. Como fará para falar com o ancestral depreciado?<sup>20</sup>

No *Seminário 18*,<sup>21</sup> afirma que depois de tudo, tomando as coisas ao nível biológico, é perfeitamente possível conceber que a reprodução da espécie humana se produza sem nenhum tipo de intervenção designada com o nome Nome-do-Pai. Este já fez, saiu da imaginação de um romancista. A inseminação artificial não seria alheia ao assunto. E se pergunta: Que faz presente, e não data de ontem, essa essência do pai? Nós mesmos, analistas, sabemos bem o que é?

### **A mãe, uma criança a todo custo**

Ela, não-toda mãe, às vezes, nos mostra que o Desejo de estar grávida não é igual ao desejo de ser mãe. Querer é diferente de desejar. O desejo de ter um filho, como todo desejo, é ambivalente.

A criança pode ocupar o lugar de ideal do eu de quem o concebeu e, como nos diz Laurent,<sup>22</sup> “a criança ocupa o lugar do real do delírio familiar”. Ou seja, esse objeto *a*, que se encontra no zênite social... é a criança. A partir dele se constrói a família de hoje.

Partindo deste esse axioma podemos entender melhor este desejo de filho a todo o custo de algumas mulheres. Trata-se de um ter, de um gozar desenfreadamente que a ciência alimenta. Em alguns casos, esta não-concretização da gravidez pode ser insuportável.

Se se reivindica no mundo contemporâneo o gozo como um direito, um filho se torna um direito à satisfação. O filho ou a satisfação a qualquer preço, o gozo a todo custo.

---

<sup>20</sup> *Ibidem*, pp. 377-378.

<sup>21</sup> Lacan, J., *El seminario, libro 18. De un discurso que no fuera del semblante*. Buenos Aires: Paidós. 2009, p. 160.

<sup>22</sup> Laurent, E., *El niño como real del delirio familiar. Psicoanálisis con niños 3*. Buenos Aires: Grama. 2010.



## **Família hipermodernas? Família ao fim!**

Isso tem atrapalhado a definição clássica da família, que já não se define a partir do casamento. A família atual inclui múltiplas formas de união, e podem ser monoparentais, ou homoparentais. O desenvolvimento das TRHA e da legislação em muitos países, permite que tenham filhos tanto uma mulher ou a um homem sozinhos, assim como parceiros homossexuais.

Miller pontua em “Uma fantasia”<sup>23</sup> que o que há substituído hoje ao significante-amo que proíbe, que regula, é a exigência do mais-de-gozar. A consequência é o reinado do gozo que não favorece nem a dimensão da filiação, nem da transmissão, mas sim o melhor exercício pulsional do Um. É a satisfação do gozo que decide sobre a parceria e a família. Dois modos de gozo sustentados por dois *seres falantes* concordam por um certo tempo.

A suposta unidade familiar, se existisse, seria partidária do segredo sobre o gozo que o Édipo viria a velar. Deffieux conclui que o Édipo é um modo, entre outros, de realizar as duas condições para que se constitua a família: a parceria e a transmissão à criança de um desejo que não seja anônimo. O que põe em evidência que a estrutura mínima necessária para fazer advir a um sujeito se reduz ao Nome-do-Pai e ao Desejo da mãe, funções que podem ser encarnadas por outros que não os genitores, funções que ainda operam quando estes estão ausentes. Além destes novos modelos familiares se desenham estruturas que não dependem do pai, da metáfora paterna, que não colocam em jogo a relação de desejo e da lei a partir da proibição do gozo. Retomamos a pergunta de Lacan: Em que se converte, nestas condições, o complexo de Édipo?

## **4. A origem, sempre irrepresentável**

O impacto das biotecnologias pode ser traumático à medida que um real impossível se revela. Com elas tocamos o irrepresentável da origem. Ansermet chama de “vertigem da origem”.<sup>24</sup> A vertigem pode ser um tipo de gozo particular frente ao impensável ou ao impasse. A saída da vertigem implica uma travessia do trauma biotecnológico e dos fantasmas implicados. Trata-se de encontrar um modo de resposta singular sobre estas

---

<sup>23</sup> Miller, J.-A., Una fantasía. Conferencia en Comandatuba VIII Congreso de la AMP.

[www.congresoamp.com/es/template](http://www.congresoamp.com/es/template)

<sup>24</sup> Ansermet, F., Vértigo del origen, vértigo de devenir. *Puente Freudiano*. <http://pontfreudien.org>

“novas demandas”. Ansermet chama de clínica da angústia e da perplexidade e refere-se a três elementos impossíveis, do irrepresentável na procriação: 1) o irrepresentável da origem, 2) o irrepresentável do laço sexualidade-procriação, 3) o irrepresentável da morte na procriação.

Sabemos que, para Freud, o irrepresentável por excelência é de onde vem as crianças, a origem. A procriação medicamente assistida não responde a esta pergunta, mas a reforça. A criança nos conduz mais ao real que à origem.

A única parceria no inconsciente é a parceria pai-mãe. As teorias sexuais infantis criam um curto-circuito entre sexo e procriação. Ansermet observa que as crianças não admitem a sexualidade dos pais nas teorias sexuais infantis e na novela familiar. Fantasiam uma origem não sexual ou inventam pais reais mais idolatrados, a criança localiza um hiato entre procriação e sexualidade.

Os avanços da técnica que fabrica crianças redobram os fantasmas que separam o encontro dos corpos no ato sexual com a procriação. Curto-circuitam os fundamentos do simbólico intervindo sobre o real do tempo e da diferença sexual.

Por isso é que hoje em dia a biotecnologia pode oferecer a ilusão de que possuímos nosso corpo, um corpo que nunca levantaria acampamento. Um corpo ao qual o eu poderia considerar-se amo. A realidade é que não sabemos de onde vêm as crianças, ainda que os fabriquemos “*on demand*”. O real insiste mais além de que seja realizado.

As novas fotografias de família podem incluir uma plêiade de novos personagens: dois homens, uma doadora, a portadora, o médico, o embrião. Ainda assim, estes não conseguem responder ao mistério da sexualidade e da morte, por mais que se tente transformar contigência em predição.

Fantasmaticamente, todos somos produtos da PMA. Há uma irrepresentabilidade da origem a partir da sexualidade. A PMA mostra o lugar do sexo na procriação. Há uma tampa: um buraco, um impensável, um “ponto de pânico” - como o chama Lacan no *Seminário 6* - que obtura com construções imaginárias, fantasmáticas e sintomáticas.

Hoje a PMA introduz uma nova figura: a mãe incerta. As ficções familiares partem do par: pai incerto e mãe *certíssima*. Hoje deveremos construir novas teorias psicanalíticas que contemplem a mãe incerta, fragmentada na mãe biológica, na mãe substituta e na mãe legal.

Frente a estas novas formas de fazer família convém, nos diz Ansermet, “não fazer da origem um destino”, indo de encontro com a ideia de causalidade e determinismo. A criança sempre vai reinterpretar sua condição de origem, vai mais além do que o precedeu.

O desejo vem subverter a origem do vivente. Enquanto a fabricação de crianças se encontra enodada a um desejo, ter nascido do frio não será um destino. As crianças seguirão sendo escravos do mal-entendido familiar.

## **5. A clínica**

### **5.1 Nossas vinhetas**

a) Recebe-se em consulta uma jovem mulher que, juntamente com seu parceiro, haviam realizado, ao longo de uma década, a tratamentos de reprodução assistida sem, contudo, alcançar a gravidez desejada. Surge desde a primeira entrevista seu padecimento subjetivo por haver sido tomada, quase arrasada pelo discurso do Outro da ciência e pela voracidade do mercado da infertilidade. “Vou iniciar o décimo e último tratamento de fertilização assistida, viemos fazendo um a cada ano. Sei que as chances são baixas, mas não quero ficar com a ideia que não fiz tudo o que estava ao meu alcance. Não temos medido as consequências... minha imagem corporal... meu corpo é de uma velha, tenho osteoporose, cabelos grisalhos, celulites, meus ossos são de uma pessoa de sessenta anos e tenho trinta e três. Tive cistos por causa da endometriose e tiveram que extirpar um ovário”. Toda-ela-mãe, só que sem um filho. Seu semblante deslibidinizado, sem nenhum brilho fálico que a fizesse recordar-se mulher que via ao espelho, nos mostra como sua infecundidade deixou uma ferida. Não é o seu corpo que está falicizado, mas o filho que não chega quem toma esse valor. Sobre o final daquela primeira entrevista, deixar cair os significantes que fazem vislumbrar a possibilidade que a análise deverá intervir, para implicá-la subjetivamente no assunto. “Não te disse o mais importante... aos quinze fiquei grávida e decidimos interromper a gravidez”. O corte da sessão orienta e a convida a uma nova partida onde a intervenção analítica fizera ponto de basta a essa metonímia de gozo, automaton que durou dez anos. (VN)

b) M. vai à consulta por uma angústia que a transborda: aos 14 anos descobre que nasceu sem útero. Não entende porque isso a afeta tanto. É invadida por um sentimento de vazio diante da impossibilidade de “ser mãe”. Não pode realizar um turismo de reprodução por conta de sua situação econômica. Existe na internet um amplo marketing de procriação com planos diferentes, de acordo com o poder aquisitivo de cada um, desde o plano regular

até o principal, passando pelo de luxo. Todos os serviços são adaptados a cada necessidade: counselling, logística internacional, coaching para cada etapa e *full service*.

Os médicos lhe disseram que podem fazer a fertilização com seus óvulos, mas não fornecem a mulher substituta. A partir de então, deixa de trabalhar para dedicar-se a encontrar a “candidata” através da internet, e a encontra em um bar. Há, em M., um luto não-realizado que se apresenta na ordem do fazer, como uma intenção fracassada de inscrever a perda. A analista intervém impedindo a equivalência gravidez–maternidade. “Quando nos reunimos com P já falamos em alugar um ventre. Faz um ano que começamos a buscar na internet. Depois penso em fazer *outra* adoção”. É a partir do corte da entrevista, assinalando “outra adoção”, que a angústia diminui. Oferecer-lhe um espaço discursivo que aloja a trama linguagem/corpo permite restituir o trabalho de luto. (AK)

e) V. com diagnóstico de menopausa precoce decidiu realizar, há mais de quinze anos atrás, um tratamento de fertilização. Diante de seus temores acerca de doação anônima, aceitou somente a doação de óvulos de uma mulher de sua própria família. A gravidez se concretiza, mas quando seu filho contava com um ano se separa de seu marido ao saber que ele foi infiel. Diz que com ele tinham “um pacto de não se enganarem” e nomeia com uma “estafa” o que ele fez. É um momento de desencadeamento que quase a leva a uma internação psiquiátrica. A familiar também se diz “estafada” e ambas vão ao médico e são medicadas. Um novo momento de risco de desencadeamento se apresenta com a adolescência do filho. Mãe e filho têm frequentes discussões nas quais ela o culpa por parecer-se com o pai. A mãe vai a uma consulta com um profissional que, ao inteirar-se da doação de óvulos, insiste que deve contar “a verdade da origem” a seu filho “pelo bem da identidade e porque é seu direito”. A analista intervém para deter as consequências desse conselho, dizendo-lhe que não é necessário dizer toda a verdade. V se surpreende.

## **5.2 As técnicas não apagam as marcas de gozo.**

A partir de algumas entrevistas-pesquisas realizadas no marco de nossa investigação pudemos extrair algumas pérolas, detalhes clínicos que a modo de peças soltas, ilustram nosso trabalho.

Um casal de homens tem uma filha. Após anos de tentativas falhas de adoção, decidiram usar a gestação substituta. Constituem uma família sem margem para dúvidas. Os comentários de como a vida mudou com a menina, as consequências subjetivas, familiares, seu compromisso com a paternidade não poderiam diferenciar-se dos ditos de qualquer

outro tipo de grupo familiar. Os avatares da origem da criança com grande participação da ciência, a relação com a mulher que o levou durante nove meses e com a que tiveram contato, não tem relevância na hora de criar o filho, ou ao fazê-lo participar da transmissão de um desejo próprio deles, ao insuflar-lhe a vida. Estes dois homens – por exemplo – escolheram dirigir-se à criança como “Papai” e “Paizinho”, o que marca a inscrição de uma pequena diferença na parentalidade, inscreve um estilo distinto de cuidados familiares, como ocorre por certo em todo tipo de vínculo tão próximo.

“A menina vinda do frio” é o nome os pais dão à sua filha adolescente, marcando com humor e amor o selo de origem de uma fecundação. E por casualidade (ou ressonância inconsciente) o noivo da jovem compartilha esse “estilo” de origem. Ficções ao fim para recobrir o enigma insondável de dois seres que decidem ser pais.

Finalmente: uma empresa oferece serviços de gestação substituta. Os candidatos a serem pais – seus clientes – não se selecionam – salvo a condição de poder resolver esse procedimento caríssimo. A legislação existente, em contínua reformulação, introduz algum vazio, um impedimento: o material genético do pai, por exemplo, não pode “misturar-se” com o de outro membro da família ou de um conhecido da mesma.

### **5.3 Fertilização assistida no hospital**

No hospital se aproveita a ocasião para escutar aqueles que realizaram uma prática de alta complexidade. Se quer localizar o ponto de sofrimento, o lugar do filho, os encontros/desencontros dessa parceria singular na pesquisa do mesmo, que às vezes desemboca na construção de um sintoma.

Apresentações frequentes: parcerias em que nenhuma causa biológica explica sua infertilidade, mas que é possível encontrar, do lado da mulher, um rechaço ao modo histórico ao Amo da época, a ciência, aquela que busca alcançar a gravidez a todo custo a partir de seus aparelhos tecnológicos. Por outro lado, mulheres devastadas por suas mães, petrificadas no lugar de filhas; ou parcerias onde a infertilidade e a busca de um filho funcionam como sintoma, se abre espaço para o subjetivo diante do apagamento próprio do empuxo ao sem-limite da ciência, e do discurso médico como seu operador.

## 6. O analista, pastor do real

Lacan nos ensinou que a família é uma máquina de fabricar uma língua própria, compartilhada, que afeta o corpo dos filhos das maneiras mais variadas e criativas que os inconscientes desses sujeitos guardaram como marcas de gozo. Dizemos uma língua “compartilhada” no sentido de um magma que modela e é o meio próprio onde se desenvolvem os filhos e se tecem as relações. O destino dessa família na análise é desvelar seu sentido fantasmático para conduzir o sujeito ao seu ser de objeto e assim desfamiliarizar-se, como diz Bassols,<sup>25</sup> do mais familiar.

Pudemos constatar que a origem não é um destino, sempre haverá um secreto sobre o gozo a partir do qual se constitui a família para velar o irrepresentável da procriação. As técnicas que fabricam crianças, segundo Ansermet, redobram os fantasmas que separam a sexualidade da procriação. Nesse sentido, a biotecnologia oferece a ilusão de que somos amos de nosso corpo e substitui a contingência pela predição.

O Édipo tem sido, até agora, uma maneira possível e eficaz de velar o roubo de gozo. Mas sabemos que não é a única. Recordemos que Lacan se perguntava quais consequências seriam as TRHA sobre a família edípica. Não é pelo Édipo que há perda, é pela linguagem. As novas invenções familiares, mais-além do Édipo, nos demonstraram. Qual analista para esta clínica?

Trata-se de dar um lugar ao impossível que surge, e não de descartá-lo. Assim nos orientarmos na clínica das biotecnologias. Apostar na invenção singular para ir mais além dos impasses de um sujeito que pode estar alienado ao que a ciência o oferece. O psicanalista deve renunciar à nostalgia que é esse aspirar o presente eterno, e acolher o novo real produto do discurso da ciência. Miller nos diz: “parodiando Heidegger, me atrevo a dizer que o analista se converte em pastor do real”.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Bassols, M., *Famulus. Lacan XXI. Revista FAPOL*. Volumen 2.

<sup>26</sup> Miller, J.-A., *Un esfuerzo de poesía*. Buenos Aires: Paidós. 2016, p. 274.